

## **Alguns aspectos da concepção de ciência presente nos *Diálogos sobre a Religião Natural*, de Hume**

Daniel Soares da Silva\*

**Resumo:** Este artigo visa investigar alguns aspectos da visão de ciência presente nos *Diálogos sobre a Religião Natural*, de David Hume (1779). Partindo da discussão travada entre os personagens Cleantes e Filo em torno das relações entre raciocínio experimental e religião, procuraremos examinar e comparar as perspectivas dos dois personagens a respeito de três teses – que podem ser extraídas dos Diálogos e que serão aqui designadas por globalidade, terminalidade e observacionalidade. Estas teses ligam-se ao entendimento da ciência e dos seus limites como fonte para o conhecimento de verdades sobre Deus.

**Palavras-chave:** Hume; Religião natural; Ciência.

## **Some aspects of the scientific views of Hume's *Dialogues Concerning Natural Religion***

**Abstract:** This paper aims at investigating some aspects of the scientific view of David Hume's *Dialogues Concerning Natural Religion* (1779). Based on the dialogue about experimental reasoning and religion between the characters Cleanthes and Philo, this paper examines and compares their point of view about three theses. The theses are called globality, terminality and observability and they are related to scientific understanding and its limits to knowledge of divine truths.

**Keywords:** Hume; Natural religion; Science.

---

\*Unifesp. Doutorando em filosofia. Orientador: Prof. Dr. Plínio Smith. Contato para email: [daniel2s1@hotmail.com](mailto:daniel2s1@hotmail.com)

## 1. Introdução

Este artigo visa a pôr em relevo alguns aspectos da visão de ciência presente nos *Diálogos sobre a Religião Natural*, de David Hume (publicados em 1779; doravante mencionados apenas como *Diálogos*). De modo mais específico, o que se procura é, partindo da discussão travada entre Cleantes e Filo em torno das relações entre raciocínio experimental e religião, caracterizar e comparar as perspectivas dos dois personagens a respeito de três teses – que podem ser extraídas dos *Diálogos* e que serão aqui chamadas de *globalidade*, *terminalidade* e *observacionalidade* – ligadas ao entendimento da ciência e dos seus limites como fonte para o conhecimento de verdades sobre Deus.

Se aceitarmos que, como diz Hume, a forma de diálogo presta-se bem ao debate de qualquer aspecto filosófico que seja, por um lado, óbvio e importante e, por outro lado, obscuro e duvidoso<sup>109</sup>, não é menos merecedor de reconhecimento o fato de que, não raro, tal gênero torna mais difícil, pelo menos à primeira vista, uma compreensão mais unificada das diversas posições em disputa. Nesse sentido, busca-se aqui contribuir, ainda que de forma bastante circunscrita, para o esforço de articulação das diferentes ideias sobre ciência tais como expostas pelos personagens considerados por este estudo.

Para realizar essa tarefa, o artigo foi dividido da seguinte maneira. Na parte 2, com base no exame de algumas passagens selecionadas, são apresentados aspectos da visão de ciência de Cleantes. Na seção 3, o foco recai sobre Filo, que tem algumas das características mais fundamentais do seu posicionamento assinaladas com o objetivo de se determinar o seu ponto de vista acerca da ciência e das três teses apontadas. Finalmente, a título de conclusão, um exame comparativo das ideias de Cleantes e Filo será feito na parte 4.

---

<sup>109</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 2.

## 2. Cleantes

Uma das questões mais fundamentais dos *Diálogos* gira em torno da discussão das relações entre método empírico e religião. Nesse sentido, Cleantes representa o ponto de vista do teísmo experimental; isto é, a visão de que é possível provar a existência e os atributos divinos a partir dos mesmos procedimentos utilizados para a obtenção de conhecimento empírico sobre o mundo. Para ele, não há qualquer tipo de separação ou diferença de natureza entre, por um lado, o tipo de raciocínio empregue na conduta da vida e na ciência empírica; e, por outro lado, daquele utilizado pela teologia visando à demonstração do ser e dos atributos de Deus. Eis o que diz a esse propósito:

Seria em vão que o céptico distinguiria entre ciência e vida quotidiana ou entre uma ciência e outra. Os argumentos utilizados em todas elas, se correctos, são de natureza similar e têm a mesma força e evidência. Ou, se existir alguma diferença entre eles, a vantagem está inteiramente do lado da teologia e da religião natural. Muitos princípios da mecânica baseiam-se em raciocínios extremamente abstrusos e, no entanto, ninguém com aspirações à ciência, nem mesmo um céptico especulativo, afirmará ter a menor dúvida a seu respeito<sup>110</sup>.

Desse modo, defende-se a legitimidade de se estender os métodos da ciência com vistas à determinação de certas verdades da teologia. Nessa visão, caberá ao argumento do desígnio a função de pavimentar o caminho que vai do âmbito empírico ao ser da Divindade. A tese geral que afirma a indistinção dos processos de raciocínio aplicáveis a diferentes esferas epistêmicas será aqui denominada de *globalidade*.

*Grosso modo*, a estratégia desenvolvida por Cleantes consiste em sustentar que, devido à continuidade – revelada pelo método experimental – entre os domínios empírico e divino, é necessário que aqueles que aceitam os resultados da ciência natural adotem também verdades da religião natural, em particular a idéia de uma mente superior responsável pela criação do mundo. Nesse quadro, a tese da globalidade assume papel chave no percurso que leva à demonstração de Deus pela teologia natural.

---

<sup>110</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, pp. 18-19, parágrafo 17.

Um outro traço da perspectiva de Cleantes sobre a ciência diz respeito aos limites da investigação racional. De fato, Cleantes acredita que é possível delimitar um término claro para as pesquisas científicas, de modo que não seria razoável objetar à explicação da causa de qualquer acontecimento exigindo a indicação da causa da causa de tal evento.

Na discussão mantida com Filo, isso significa rejeitar qualquer demanda explicativa ulterior pela origem da mente divina, que é a causa da ordem do mundo material. A tese que defende a existência de limites claramente assinaláveis para as pesquisas científicas, de que a posição de Cleantes é exemplo, será aqui chamada de *terminalidade*. A citação abaixo oferece uma formulação da tese da terminalidade:

Se aponto, mesmo na vida quotidiana, uma causa a um acontecimento, constitui uma objeção, FÍLON, o facto de não poder apontar a causa dessa causa nem responder a qualquer nova questão que possa ser incessantemente levantada? (...) Vós levantai dúvidas abstrusas, cavilações e objeções. Perguntais-me o que é a causa desta causa? Não sei; não me interessa; não me diz respeito. Encontrei uma Deidade e aqui interrompo a minha investigação<sup>111</sup>. (...).

Nessa resposta, Cleantes defende que a religião natural deve se limitar a oferecer apenas a causa do mundo natural, não tendo a necessidade de avançar em busca das causas das causas, de todo afastadas da vida comum e do que seria o modo regular de proceder da prática científica. O seu compromisso com uma certa versão forte do empirismo mostra-se assim bastante nítido nesse aspecto particular, pois, nessa concepção, a ciência não deve elaborar hipóteses senão com base apenas no conjunto dos fenômenos visíveis e no que possui a evidência da experiência.

Destarte, o que justifica a imposição de limites ao empreendimento científico seria o maior afastamento da matéria a ser explicada relativamente à possibilidade de observação direta na natureza. O requisito que vincula o trabalho de elaboração das

---

<sup>111</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 56, parágrafo 13 da parte IV.

explicações científicas à necessidade de observação dos fenômenos relevantes constitui a tese da *observacionalidade*. Eis um trecho que vai nessa direção:

Como se pode conhecer uma causa a não ser a partir dos seus efeitos conhecidos? Como se pode provar uma hipótese a não ser a partir dos fenômenos visíveis? Edificar uma hipótese sobre outra é construir inteiramente no ar; e o máximo a que poderemos aspirar com estas conjecturas e ficções é verificar a simples possibilidade da nossa opinião; mas nunca poderemos nessas condições estabelecer a sua realidade<sup>112</sup>.

Em *Hume e a epistemologia*<sup>113</sup>, João Paulo Monteiro estabelece uma divisão, a propósito da compreensão de Hume do fenômeno da gravidade, que pode ser de ajuda para o entendimento de alguns aspectos das teses anteriormente mencionadas. Das três visões de ciência expostas por Monteiro, duas serão mais pertinentes aqui.

A primeira, que tem como base trabalhos de vários estudiosos, é chamada de “observacionalismo” e consiste na crença de que “(...) a ciência só pode mencionar eventos *observáveis*, ou o comportamento observável das coisas, ou dos objetos da experiência comum”<sup>114</sup>. O que foi antes chamado de observacionalidade, de que a citação acima de Cleantes dá testemunho, não está muito distante dessa idéia geral, a não ser pela diferença de que, para Cleantes, a ciência pode mencionar eventos que não são observáveis – esse será precisamente o caso de Deus –, desde que tais eventos tenham efeitos visíveis. Em todo caso, permanece como fundamental a restrição da observacionalidade, ainda que entendida como dizendo respeito aos efeitos dos fenômenos considerados.

A outra concepção de ciência que será de interesse para os nossos propósitos, elaborada a partir de Toulmin, afirma que a atividade científica “(...) é sobretudo *explicação*. Seu objetivo principal é tornar inteligível a natureza, por meio da construção de teorias que

---

<sup>112</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 107, parágrafo 32 da parte X.

<sup>113</sup> MONTEIRO, João Paulo. *Hume e a Epistemologia*. 1º edição brasileira. São Paulo: Editora UNESP; Discurso Editorial, 2009.

<sup>114</sup> MONTEIRO, João Paulo. *Hume e a Epistemologia*. 1º edição brasileira. São Paulo: Editora UNESP; Discurso Editorial, 2009, p. 72.

permitam conferir um sentido aos eventos observáveis”<sup>115</sup>. Não está em desacordo com Cleantes considerar que Deus é o que, em última análise, verdadeiramente confere inteligibilidade à natureza; de modo que, além da dimensão observacionalista, poder-se-ia dizer que a concepção de ciência em questão também apresenta caráter explicativo, no sentido acima indicado.

Quais são as proximidades e afastamentos da concepção de Filo em relação aos elementos – aqui sumariamente considerados – da perspectiva de Cleantes? Em outras palavras, de que modo Filo se posiciona no que diz respeito às teses da globalidade, da terminalidade e da observacionalidade da ciência? Antes da comparação entre os dois personagens, vejamos inicialmente o que é possível extrair das falas do próprio Filo.

### 3. Filo

Nos *Diálogos*, Filo defende o ceticismo especulativo. A qualificação de “especulativo” indica a possibilidade, aceita por essa versão do ceticismo, de elaboração de hipóteses explicativas para os fenômenos naturais. Em outras palavras, um cético desse tipo não vê problemas em especular a respeito dos fenômenos naturais e de como as coisas vieram a ser, aceitando assim o projeto de empreender uma investigação causal – não apoiada em autoridades – sobre o mundo. No entanto, diferentemente do que pretendiam Cleantes e os teólogos naturais, Filo não acredita que o raciocínio experimental estabeleça a existência de Deus.

Para Filo, a filosofia e a ciência nada mais são que uma operação mais metódica e organizada dos raciocínios utilizados na vida comum. Não há distinção de natureza entre os âmbitos de aplicação e os métodos utilizados na vida comum e na ciência – a diferença diz respeito apenas a certos cuidados e precauções adotadas pelo cientista, cujo trabalho é mais meticuloso. Desse modo,

---

<sup>115</sup> MONTEIRO, João Paulo. *Hume e a Epistemologia*. 1ª edição brasileira. São Paulo: Editora UNESP; Discurso Editorial, 2009, p. 73.

(...) [f]ilosofar sobre tais temas não é essencialmente diferente de raciocinar sobre a vida cotidiana e, tendo em conta o seu modo de proceder mais exacto e escrupuloso, podemos unicamente esperar maior estabilidade, se não maior verdade, da nossa filosofia<sup>116</sup>.

No trecho acima, Filo aceita uma versão da tese da globalidade, pois acredita não haver distinção de natureza entre os âmbitos suscetíveis à aplicação dos processos comuns de raciocínio. Porém, uma diferença de fundamental importância reside aqui no fato de que, quando se trata de se fazer ciência, tais processos comuns de raciocínio devem ser objeto de um escrutínio maior, de modo que possam se revelar confiáveis e não levem as investigações desenvolvidas sobre o mundo a descaminhos variados.

Como decorrência dessas precauções metodológicas, na concepção de Filo a tese da globalidade não oferece qualquer apoio para a teologia natural. Em outras palavras, nas ciências naturais haveria um processo cuidadoso para a inferência de hipóteses, o que inexistiria na religião natural, por demais distante dos nossos padrões comuns de raciocínio.

Assim, Filo acredita que os seres humanos não podem ter qualquer conhecimento sobre Deus para além daquilo que pode ser objeto de experiência. Tal princípio empirista é por ele utilizado como base para se contrapor à possibilidade da religião natural. Nesse sentido, a citação abaixo é bastante esclarecedora:

Enquanto limitarmos as nossas especulações ao comércio, à moral, à política ou à crítica, apelamos, a todo o momento, ao senso comum e à experiência, que reforçam as nossas conclusões filosóficas e eliminam (pelo menos em parte) a desconfiança, que tão justamente acaalentamos em relação a todos os raciocínios que são demasiado subtis e refinados. Mas nos raciocínios teológicos não dispomos desta vantagem, ao mesmo tempo que lidamos com objetos que, não podemos esquecer-lo, estão para além das nossas capacidades e que são, de todos, os que mais exigem para se tornarem familiares à nossa compreensão<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 13, parágrafo 10 da parte I.

<sup>117</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 14, parágrafo 11 da parte I.

Em relação ao que foi chamado de tese da terminalidade, cabe dizer que, para Filo, a ciência não encontra qualquer limite fixado de antemão. Com efeito, a atividade científica parece ser encarada como investigação em aberto, constantemente à procura de outras hipóteses mais explicativas e mais abrangentes. Essa característica da visão de ciência de Filo aparece quando ele indaga de Cleantes, por exemplo, qual teria sido a causa da ordem da mente de Deus, que, por sua vez, teria sido a causa da ordem do mundo material.

Assim,

(...) [u]m sistema ideal, que se tenha ordenado a si próprio, sem um desígnio anterior, não é minimamente mais explicável do que um sistema material que atinja de maneira idêntica a sua ordem; e não existe mais dificuldade na última suposição do que na primeira<sup>118</sup>.

Por fim, qual seria a posição de Filo acerca do papel e dos limites da observação na investigação científica? Pelo menos para os fins da discussão com Demea – o outro personagem central dos *Diálogos* e que defende a posição religiosa mais tradicional – e Cleantes, Filo permite a possibilidade de conjecturas sobre entidades inobserváveis. É exatamente esse o caso quando ele pergunta a Cleantes qual teria sido a causa da mente divina – que, claramente, é inobservável – apenas os seus efeitos são visíveis; ou quando avança explicações alternativas – hipótese da alma animal do mundo (parte VI), da alma vegetativa (parte VII), hipótese epicurista (parte VIII) – à Divindade, defendida por Cleantes, todas igualmente plausíveis diante da insuficiência de indícios no mundo que pudessem ser conclusivos numa direção ou noutra.

Assim como no caso de Cleantes, não parece incorreto atribuir a Filo à concepção, apresentada por Monteiro<sup>119</sup>, que vê a ciência como tendo papel sobretudo explicativo, no sentido de elaborar um quadro teórico que confere inteligibilidade aos fenômenos naturais. Não é senão essa a função do filósofo tal como representado por Filo:

---

<sup>118</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 57, parágrafo 14 da parte IV.

<sup>119</sup> MONTEIRO, João Paulo. *Hume e a Epistemologia*. 1ª edição brasileira. São Paulo: Editora UNESP; Discurso Editorial, 2009, p. 73.



desenvolver, metódica e cuidadosamente, conjecturas sobre o mundo cada vez mais informativas e abrangentes.

#### **4. Conclusão: Cleantes e Filo**

Uma primeira diferença entre Cleantes e Filo que poderia ser mencionada concerne ao modo como os personagens entendem a tese da globalidade, tal como caracterizada neste estudo; isto é, a tese segundo a qual não há separação de natureza entre os métodos e procedimentos de raciocínio utilizados nas diferentes esferas epistêmicas. Essa diferença na compreensão faz com que conclusões opostas sejam extraídas.

Para Cleantes, há conexão direta entre vida comum e religião natural, uma vez que os princípios da ciência podem ser legitimamente ampliados. Desse modo, a relação entre vida comum e religião natural não seria em nada diferente daquela mantida entre a vida comum e as ciências naturais.

Por sua vez, Filo, ao contrário, procura em todo o livro destacar como a religião natural é diferente da ciência empírica. Na sua visão, tal diferença parece estar associada não à existência de uma distinção de natureza no que se refere aos métodos e processos inferenciais empregados, mas sim ao fato de a religião natural não preservar o mesmo zelo metodológico observado nas ciências.

Assim, o teólogo natural é visto como aquele que vai além do que a experiência permite afirmar com segurança, desconsiderando a importância dos controles experimentais, sobretudo em casos únicos, e fazendo mal uso de princípios como o da analogia, por exemplo:

Peço-vos, no entanto, que observeis o extremo cuidado com que todos os bons pensadores procedem ao transferir experiências para casos similares. A não ser que os casos sejam completamente semelhantes, não depositam uma confiança absoluta na aplicação das suas observações passadas a nenhum fenómeno particular. Cada alteração das circunstâncias provoca uma dúvida acerca do acontecimento; e isto requer novas experiências para provar de

forma segura que as novas circunstâncias não têm qualquer significado ou importância<sup>120</sup>.

Em relação ao que foi chamado de tese da terminalidade, cabe dizer que, segundo Cleantes, a pesquisa encontra um limite claro quando Deus é estabelecido como a inteligência responsável pela ordem do mundo material. É como se fosse possível, numa investigação de caráter científico, explicar um efeito oferecendo-se a sua causa, sem haver qualquer necessidade, porém, de se avançar em busca da causa da causa – essa seria a própria prática observável na vida comum, na realidade<sup>121</sup>.

A essas considerações, Filo responde com alegações que ressaltam a arbitrariedade do fundamento que interromperia a regressão ao infinito da série de processos causais. Em outras palavras, se aceitamos parar em algum ponto da cadeia explicativa, por que não paramos no primeiro momento, antes de darmos início à tarefa mesma de postulação da causa da causa? Isso é dito na citação abaixo:

Como poderemos, então, satisfazermos-nos em relação à causa daquele Ser que supondes ser o Autor da natureza ou, segundo o vosso sistema antropomórfico, o mundo ideal, ao qual fazeis remontar o mundo material? Não temos razões idênticas para fazer remontar este mundo ideal a outro mundo ideal ou a um novo princípio inteligente? Mas se paramos e não avançamos mais, por que razão ir tão longe? Por que não parar no mundo material?<sup>122</sup>

Destarte, para Filo, a investigação científica demonstra possuir caráter aberto, parecendo ser sempre possível avançar em torno de princípios cada vez mais explicativos e mais gerais.

Finalmente, a respeito da tese da observacionalidade, deve-se frisar que, na visão de Cleantes, só se pode elaborar hipóteses acerca daquilo cujos efeitos sejam visíveis e passíveis de serem experienciados. É exatamente o afastamento do campo da

---

<sup>120</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, pp. 34-35, parágrafo 17 da parte II.

<sup>121</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 56, parágrafo 13 da parte IV.

<sup>122</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 53, parágrafo 9 da parte IV.

experiência que justifica a imposição de limites à atividade investigativa própria da ciência. Filo, ao contrário, mostra-se mais favorável, pelo menos quando do confronto argumentativo com Cleantes, à possibilidade de haver alguma explicação que desse conta da existência de inobserváveis.

Contudo, chegado este momento, é forçoso reconhecer que – a se acreditar no próprio Filo –, em tudo quanto se disse não há senão probabilidade, visto não haver na matéria qualquer espécie de quantidade, “que é o objeto da única ciência que pode com justiça aspirar a alguma certeza ou evidência”<sup>123</sup>.

### **Bibliografia**

HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Tradução, introdução e notas de Álvaro Nunes. Lisboa: Edições 70, 2005.

MONTEIRO, João Paulo. *Hume e a Epistemologia*. 1º edição brasileira. São Paulo: Editora UNESP; Discurso Editorial, 2009.

---

<sup>123</sup> HUME, David. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Lisboa: Edições 70, 2005, p. 7, parágrafo 3 da parte 1.